

# Kant: os sonhos de um visionário e o mundo dos espíritos<sup>1</sup>

## Kant: the dreams of a visionary and the world of spirits

[Artículo]

Elnora Gondim<sup>2</sup>  
Maria das Graças Moita Raposo Pereira<sup>3</sup>  
Tiago Tendai Chingore<sup>4</sup>

Fecha de entrega: 02 de mayo de 2023  
Fecha de evaluación: 11 de noviembre de 2023  
Fecha de aprobación: 20 de noviembre de 2023

Citar como:

Gondim, E., Raposo Pereira, M. das G. M. R. P., & Tendai Chingore, T. (2024). Kant: os sonhos de um visionário e o mundo dos espíritos. *Cuadernos De Filosofía Latinoamericana*, 45(130), 205-213. <https://doi.org/10.15332/25005375.9580>



### Resumo

Nos *Sonhos de um Visionário explicados pela Metafísica* (1766), Kant faz críticas à especulação em nome da experiência e critica o conhecimento científico em nome da moral. Ele afirma que a causa, o efeito e a substância são relações fundamentais que não podem ser captadas nem intuídas. Não é dada à razão capacidade para conhecer tais relações fundamentais.

**Palavras-chave:** Kant, Sonhos, Inteligível, Metafísica.

### Abstract

In *Dreams of a Visionary Explained by Metaphysics* (1766), Kant criticizes speculation in the name of experience and criticizes scientific knowledge in the name of morality. He affirms that the cause, the effect and the substance are fundamental relationships that cannot be grasped or intuited. Reason is not given the capacity to know such fundamental relations.

**Keywords:** Kant, Dreams, Intelligible, Metaphysics.

<sup>1</sup> Artigo derivado de pesquisa independente sobre o assunto. Fonte de financiamento: recursos próprios.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia, Docente da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella. Ininga S/N. Bairro Ininga - Teresina - PI -CEP: 64049-550. Fone: 863215562. Email: ufpi@ufpi.edu.br – ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4690-131X>

<sup>3</sup> Mestrado em Filosofia da Educação, Docente da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7709-3575>

<sup>4</sup> Doutor em Filosofia, Docente da Universidade Licungo-Moçambique Estrada Regional nº 642, CP. 792, Campus do Murrôpuè, Quelimane. tchingore@unilicungo.ac.mz. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8227-1637>

## Resumen

En *Los sueños de un visionario explicados por la metafísica* (1766), Kant critica la especulación en nombre de la experiencia y critica el conocimiento científico en nombre de la moral. Afirma que causa, efecto y sustancia son relaciones fundamentales imposibles de captar o intuir. A la razón no se le da la capacidad de conocer relaciones tan fundamentales.

**Palabras claves:** Kant, Sueños, Inteligible, Metafísica.

## Considerações iniciais

No livro *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, Kant permite-se fazer suposições sobre o mundo dos espíritos, afirmando a dupla participação da consciência humana no mundo dos espíritos e no mundo corpóreo, abordando a questão da exigência ética e enfatizando que a razão só alcança aquilo que pode ser compreendido segundo a identidade e a contradição.

## A ideia de mundo inteligível

Kant inicia o capítulo dois “Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica” observando que os fenômenos da matéria inerte têm uma explicação física e mecânica. Porém, tais explicações nem sempre são possíveis. Existem seres diferentes daqueles que são tratados sob as leis mecânicas. Daí surge a suposição de seres imateriais, regidos por leis pneumáticas e, quando ligados a um corpo, por leis orgânicas. Este mundo imaterial engloba as almas e os espíritos.

Os seres imateriais existem por si só, sendo substâncias. Contudo, em relação ao conceito da substância espiritual, trata-se apenas de uma suposição. Mas será impossível obter qualquer observação real e geralmente admitida? Kant, então, invoca, como resposta para isso, a moralidade.

Os seres imateriais formam um grande todo, relacionando-se entre si, constituindo, assim, um mundo imaterial. Nele existe uma gradação de seres que vai desde as fases mais simples da vida até a autoconsciência. Sendo assim, é impossível demarcar com segurança quais deles mais alcançam a vida e quais deles mais se aproximam da ausência de vida. O mundo imaterial engloba todas as inteligências criadas, algumas unidas à matéria, formando uma pessoa, e outras não. Engloba, também, todos os gêneros de animais e todos os princípios de vida presentes na natureza.

Se admitirmos que existe um mundo imaterial composto de seres de um tipo diferente, como alguém pode afirmar que os seres imateriais só poderiam se relacionar entre si através de seres corpóreos? O razoável seria que se relacionassem diretamente entre si, sem precisar de algo diferente deles mesmos para existirem, pois são substâncias e, como tais, não requerem nada para fundar suas existências. Poderíamos, então, supor que os seres imateriais de qualquer espécie não dependem das condições de espaço nem de tempo e que estão em comunidade direta. Pelo contrário, nas coisas do mundo visível, as distâncias e as épocas impedem a formação de uma verdadeira comunidade entre os seres (Kant, 1987, p. 47).

Suponhamos que a alma humana já nesta vida presente, participe dos dois mundos: o espiritual e o material, e por esse motivo, encontre-se em uma dupla disposição: uma no

plano fenomênico, ligada ao mundo material, e outra no plano noumênico, onde recebe e reenvia as influências das naturezas imateriais, ou seja, ela acha-se em comunidade recíproca com o mundo dos espíritos.

Porém, enquanto está unida a um corpo, ela não é consciente dessa influência. As naturezas espirituais puras, por sua vez, também não têm uma impressão sensível consciente do mundo dos corpos, dado que não estão unidas a nenhuma parte da matéria. No entanto, por serem da mesma natureza das almas, influenciam-nas.

Portanto, a alma encontra-se em relação recíproca com todas as naturezas espirituais, embora, enquanto ligada a um corpo, não tenha consciência disso. As representações do mundo corporal não são transmitidas ao mundo espiritual e os conceitos dos seres espirituais, por sua vez, não podem ser intuídos na clara consciência do homem, pelo fato dele ser corpóreo. Trata-se, pois, de duas espécies absolutamente heterogêneas de ideias. Dessa forma, nos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, Kant elabora os primeiros rudimentos para diferenciar o mundo sensível do mundo inteligível, fato que vai culminar com a publicação da *Crítica da razão pura*, talvez o texto mais importante do pensamento kantiano.

Sendo assim, a organização sistemática do mundo dos espíritos só pode ser suposta com certa probabilidade, dado que o conceito de natureza espiritual em geral é hipotético. Mas será que podemos supô-la a partir de observações reais e admitidas? A experiência invocada por Kant é aquela do sentimento moral. Sendo assim, a comunicação dos espíritos revela-se como um vínculo universal da razão independentemente das relações sensíveis, consentindo, portanto, ao filósofo, uma pontualização do princípio sob o qual se pode fundar a moral. Conforme isso, Kant afirma a dupla participação da consciência humana no mundo dos espíritos e no mundo corpóreo, onde o espírito liberto da limitada representação sensível, pode coligir em uma intuição imaterial a representação da própria alma e conhecer verdadeiramente o seu destino em relação à dependência da razão universal.

## **O mundo inteligível e a exigência ética**

Kant, nos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, afirma que existem forças que movem a afetividade humana: umas que residem dentro do homem e outras que residem fora dele. Todavia, a força mais forte é aquela que faz convergir a nossa tendência para algo fora de nós. Ela presume um sentimento de dependência dos juízos individuais em relação ao entendimento humano universal, formando uma unidade racional. Kant não se atém à unidade racional, porque ele prioriza a consciência do sentimento de dependência da vontade individual à universal.

Logo, Kant não se centra em uma via que poderia levá-lo à consideração do “eu transcendental”, abandonando-a, fazendo um apelo ao sentimento como elemento decisivo na vida moral. Este, representando uma força maior do que a força egoística, move os homens conforme o interesse geral, surgindo daí as tendências morais. Por este motivo, o homem depende da regra da vontade geral, despontando, então, uma unidade moral, regida segundo leis puramente espirituais.

Kant denomina sentimento moral a necessidade de ajustar o querer individual à vontade geral. Ele o considera como fenômeno, como algo empiricamente dado, deixando de lado a questão de determinar a sua essência as suas causas. Kant compara a situação do sentimento moral ao da gravitação universal na mecânica newtoniana. Do mesmo modo que Newton obtém a certeza das regras universais que regem os fenômenos materiais, pode-se ter uma consciência imediata, uma determinação universal moral da qual, embora não sabendo da sua essência, seja possível derivar muitas coisas concretas.

No entanto, na vida humana não se encontra a moralidade plena. Ela reside no mundo dos espíritos. A moralidade da ação tem seu completo efeito quando ocorre a ligação total com o mundo dos espíritos. No momento em que se sucede o desligamento com o mundo corpóreo, vê-se o acordo perfeito ou não da vontade individual com a vontade universal, dando-se, assim, os reais efeitos da moralidade. Portanto, a alma, quando desligada do corpo, une-se aos espíritos e sofre os efeitos daquilo que foi praticado no mundo.

Kant parece, nos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, ter-se livrado de todos os preconceitos (Campo, 1953, p. 436). Em decorrência, extinguiu tudo o que poderia gerar saberes imaginários. Ele diz que não se tem como afirmar nem negar a existência dos espíritos. Todos os argumentos que são colocados a favor têm argumentos contrários de igual peso. Por esse motivo, a razão só pode constatar o problema, mas está impossibilitada de resolvê-lo.

Kant afirma não ter uma posição definida frente às histórias das aparições dos espíritos. Contudo, quanto ao tema “esperança no futuro”, ele diz que é a única inexatidão que não pode e não quer suprimir (Kant, 1987, p. 72). Todas as hipóteses sobre espíritos só têm algum valor porque a elas subjaz esta esperança. Sem isto, elas são especulações vazias. Por seu turno, ele entende nada saber quanto à possibilidade de um espírito estar presente em um corpo, assegura que não compreende como isto ocorre. Em decorrência, se resigna a assumir sua ignorância frente ao assunto da vida pós-morte. Ele afirma ainda não ter como negar as histórias sobre os espíritos, porém, isto não impede que ele duvide delas. Quanto à doutrina filosófica dos seres espirituais, Kant diz que só se pode conhecer os fenômenos da natureza e suas leis e, por este motivo, a natureza espiritual só se pode supor, nunca conhecer, por não se encontrar dados para resolver esta questão em nenhuma experiência vivida.

## **A metafísica**

Finalizando o segundo capítulo da parte histórica, Kant explicita sua verdadeira intenção em relação a todo escrito anterior (Kant, 1987, p. 101). A metafísica, diz agora Kant, tem dois tipos de vantagens. A primeira consiste em auxiliar o espírito para que ele possa descobrir, através de um processo racional, as propriedades ocultas das coisas. Entretanto, neste aspecto, a metafísica decepciona. A outra vantagem consiste em questionar se aquilo que se permite propor é proporcional ao que se pode saber e se isso que está sendo proposto tem relação com os conceitos da experiência, nos quais, em última instância, se deve apoiar todos os juízos. Encarada desta forma, a metafísica é definida como uma ciência dos limites da razão humana. Kant ainda não determinou esses limites com

precisão, mas não duvida que o conhecimento tenha que buscar seus dados no mundo sensível.

Nas relações fundamentais como, por exemplo, as de causa e efeito, a filosofia chega ao seu limite, não sendo possível à razão conhecê-las. Elas só podem ser tomadas da experiência. A razão só alcança as coisas que se pode comparar segundo a identidade e a contradição. Se os conceitos das relações fundamentais não forem extraídos da experiência, tornam-se arbitrários, não podendo ser nem refutados, nem demonstrados. Por este motivo, não há possibilidade de afirmar que a alma, quando separada do corpo, pode pensar, porque isso é algo impossível de ser conhecido pela experiência.

Dessa forma, as teorias metafísicas tradicionais, como a wolffiana, só podem ser concebidas como ficções filosóficas. Em uma carta a Mendelssohn, de 8 de abril de 1766, Kant estabelece uma analogia entre Swedenborg e os metafísicos (Kant, 1987, p. 126). Assim, as loucuras de um visionário são comparadas aos desvarios da razão. Ao passo que “os sonhadores da sensação”, ou seja, aqueles que dizem ouvir e ver os espíritos, não podem evitar cair no erro, porque são enfermos e transportam as coisas da imaginação para os sentidos externos; “os sonhadores da razão”, como são chamados os metafísicos, poderiam ter evitado cair no erro de transformar o conhecimento em ficções ou hipóteses se tivessem usado corretamente o entendimento.

No segundo capítulo da parte I dos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, Kant mostra que se pode construir, a partir das hipóteses de um visionário, um sistema filosófico com uma certa conexão racional de conceitos e princípios. Porém, a silogística e um fundamento real não bastam para eximir um pensador de absurdos e contradições.

Embora sejam diferentes em gênese e em grau, os visionários e os metafísicos, as ilusões de Swedenborg e as filosofias de Wolff ou Crusius têm um certo parentesco. Eles estão no mesmo patamar, porque trabalham os problemas imprecisamente formulados e ficam voltados para coisas incompreensíveis, baseados em conceitos equivocados. Tanto uns, quanto os outros, encontram-se em um mesmo nível: nenhum atende ao saber científico e encaminham-se através de ilusões. Das afirmações de Swedenborg, bem como as dos metafísicos, não se pode tirar nenhum proveito. Ambas são vazias.

Kant, dessa maneira, faz um apelo à experiência, colocando-a como demarcadora do conhecimento. A pergunta para saber se este ou aquele problema é suscetível de um conhecimento científico será a de quais são os dados que se tem para solucionar os mesmos. O que não se pode confirmar com a experiência é algo que não é dado por conhecer.

Filósofos e visionários prescindem da experiência. Sendo assim, as ilusões metafísicas e as fantasmagorias dos visionários são iguais. Diante das obras dos metafísicos e os *Arcana Caelestia*, só se pode ter uma conclusão negativa: a consciência de não saber nada sobre os temas que são transcendentem à experiência.

Com isso, Kant mostra que a razão, embora em si ilimitada, está materialmente limitada pelos dados da experiência. Por este motivo, são sonhadores da razão os filósofos que constroem, no “ar”, diferentes mundos ideais. Eles são considerados como sonhadores

despertos porque mesmo quando estão em vigília, prestam pouca atenção às sensações e dão mais importância às ficções e quimeras geradas por sua imaginação.

Logo, a atitude que se deve adotar frente a eles é a de ter-se paciência em relação às contradições de suas visões até que deixem de sonhar e passem a habitar um mundo intersubjetivamente válido.

Nota-se, então, que Kant é severo em suas análises relativas aos sonhadores da razão ou sonhadores despertos. Ele critica a metafísica racionalista, afirmando que seus conceitos são híbridos imaginários-rationais e têm a pretensão de suprir a falta de uma adequada base experimental. Os sonhadores da sensação, por sua vez, são diferentes dos da razão. Os sonhadores da sensação são aqueles que veem algo que nenhum outro homem vê. Por exemplo, na medida em que tratam de imagens criadas, as quais enganam os sentidos como se as aparições fossem autênticas, eles são chamados por Kant de “visionários”, porque através da imaginação, transportam o sonho para a realidade dos sentidos externos.

Kant diferencia dois tipos de representação: as espirituais e aquelas que estão ligadas ao sensível. Sendo a mesma substância que participa do mundo espiritual e sensível, as representações de cada um destes mundos encontram-se formando uma unidade em um só sujeito. Kant indica como é possível uma relação do mundo espiritual com o mundo material, ou seja, qual a maneira que o homem toma consciência do mundo espiritual, mesmo nesta vida. Como isso não pode acontecer de forma imediata, só pode se dar a partir da consciência simbólica. As representações se sucedem pelo fato de que o influxo espiritual não ocorre de forma imediata. Ele se manifesta à consciência por meio de imagens. Estas são semelhantes à fantasia e tomam a aparência de sensações. É por este motivo que os espíritos são representados sob a forma de uma figura humana.

As fantasias da imaginação com o influxo espiritual misturam-se de tal forma que se torna impossível diferenciar entre o que há de verdade e as fantasmagorias que rodeiam tal influência. Ofuscação e verdade se mesclam. Quando alguém se encontra em tal estado, isso indica a existência de uma enfermidade. Kant chama a atenção para o fato de que esta classe de aparições não é algo corrente, só podendo acontecer com algumas pessoas cujos órgãos tenham uma excitabilidade pouco comum.

A alma, quando está representando algo, transfere o objeto sentido ao ponto onde entrecruzam as diversas linhas direcionais da impressão que é produzida por este objeto. Para explicar isso, Kant afirma que as representações da faculdade da imaginação vão acompanhadas por certos movimentos do tecido nervoso central, chamados de ideias materiais. Trata-se de uma vibração provocada pela impressão da qual é cópia. A diferença entre os movimentos dos nervos na fantasia e o movimento dos nervos na sensação é que faz com que as linhas direcionais do movimento da fantasia cortem-se dentro do cérebro e as linhas direcionais do movimento na sensação cortem-se fora dele. Por este motivo, não pode haver equívoco ao diferenciar a impressão dos sentidos das impressões da imaginação.

O que caracteriza a alucinação e a loucura é o fato de que o homem que as possui projeta para fora de si os objetos da imaginação e os considera como presentes diante dele. Os conceitos adquiridos por educação sobre fantasmas proporcionam a estes homens muitos

materiais para as suas ilusões. Este tipo de enfermidade produz a ilusão dos sentidos, vindo esta antes do entendimento.

Fornecer uma explicação racional sobre fantasmas e influência dos espíritos é algo embaraçoso. As almas, quando estão separadas dos corpos, e os espíritos puros não podem se apresentar frente aos nossos sentidos nem se comunicarem com a matéria. Mas os espíritos podem atuar uns sobre os outros. Neste caso, quando eles atuam no espírito humano, as representações despertadas nele podem ser encobertas por fantasia, fazendo-o acreditar que sejam objetos que residem fora do espírito. Não se pode deixar de supor que, mesmo as mais díspares das ilusões, podem ter alguma influência espiritual. Kant chama a atenção para o fato de que, devido à flexibilidade das hipóteses metafísicas, poder-se-ia acomodar a suposição da influência dos espíritos às histórias de suas aparições, mesmo antes de investigar-se sua veracidade.

Kant adverte fortemente em relação a esta tentação, chamando ao bom senso e ao espírito crítico, afirmando que, se entrar no conhecimento intuitivo do mundo dos espíritos, sacrificar-se-á o conhecimento do mundo material. Por este motivo, Kant prefere não ceder à tentação de aventurar-se no mundo dos espíritos, limitando-se ao conhecimento da realidade corpórea.

Em suma, poder-se-ia aqui pensar que, ao criticar a metafísica, Kant adotando uma postura empirista. No entanto, é importante lembrar que Kant nunca foi um empirista, pois<sup>5</sup>:

- nos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, não criticou determinados conteúdos metafísicos, como a categoria de *substância*;
- adota teses metafísicas, como a concepção monadológica da matéria;
- em uma carta a Mendelsohn, datada de 8 de abril de 1766, ele afirma que não foi seu propósito questionar o valor da metafísica, mas sim colocá-la sob novas bases;
- nos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, apela à experiência, argumentando que, para certos problemas, não apenas faltam os dados da experiência, mas também que ela nunca poderia proporcionar tais dados, sendo assim, um equívoco buscá-los nela;
- mesmo tendo alcançado clareza em relação ao princípio causal, influenciado por Hume, isso não foi a causa de seu procedimento agnóstico em relação ao comércio psicofísico.

## **Metafísica e explicações patológicas**

No terceiro capítulo da parte I dos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, Kant critica tanto sua hipótese anterior sobre o mundo dos espíritos quanto os argumentos de Wolff, Crusius e, especialmente, Swedenborg. Kant relaciona as afirmações da metafísica às de Swedenborg, atribuindo uma explicação patológica às últimas e considerando as primeiras como ficções.

---

<sup>5</sup> González, M. (1967). Kant e Swedenborg: el problema del comercio psicofísico en el Kant pre-crítico y las orígenes de la distinción entre mundo sensible e inteligible. Texto ainda não publicado. Kant. Rêves d'un visionaires. Vrin.

## Os sonhadores da razão e os sonhadores da sensação

Como mencionado anteriormente, Kant distingue dois tipos de sonhadores: os dos sentidos e os da razão. A narrativa sobre os espíritos, suas aparições e imortalidade forneceu a base para o desenvolvimento da ideia racional de espírito pelos filósofos. Kant reconhece que sua hipótese sobre como os espíritos se relacionam após a separação do corpo é uma tentativa de oferecer uma explicação racional para o tema. No entanto, ele reconhece a incerteza sobre como uma natureza imaterial pode estar ligada a um corpo físico.

Ele não nega as histórias sobre os espíritos, mas as questiona. Adota uma postura agnóstica, sugerindo que tal vez no futuro haja uma compreensão diferente, mas a certeza permanece fora de alcance. Kant argumenta que só podemos ter uma compreensão negativa sobre o tema; enquanto podemos conhecer fenômenos naturais, a natureza espiritual escapa de nossa apreensão sensorial. Temos apenas a capacidade de conjecturá-la, não de compreendê-la. A possibilidade de uma compreensão positiva sobre a natureza espiritual não se baseia em experiências ou raciocínios, mas sim na ficção. Dessa forma, Kant destaca os limites do conhecimento humano, especialmente da razão.

Portanto, aquilo que supomos saber sobre a natureza espiritual são meras ficções e hipóteses. A conclusão agnóstica de Kant se estende à metafísica, incluindo aquela que presume aplicar o método das ciências naturais a questões transcendentais.

Kant, na conclusão da parte I dos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, afirma que é preciso restringir nossos projetos de acordo com nossas capacidades e limitar-nos ao que podemos alcançar quando não podemos transcender. O conhecimento do suprassensível não é dado. Não é possível alcançá-lo nem com base em silogismos nem com base na percepção. A crença na existência dos espíritos não se fundamenta em motivos cognitivos. Ela baseia-se no fato de que se tem uma expectativa em relação à imortalidade.

## Considerações finais

Nos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*, Kant critica a especulação em nome da experiência e questiona o conhecimento científico em prol da moral. Ele afirma que a causa, o efeito e a substância são relações fundamentais que não podem ser captar nem intuídas pela razão. Tais relações só podem ser compreendidas através da experiência.

Kant apresenta essa análise detalhada na “conclusão teórica” dos *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*. Na “conclusão prática”, ele destaca a importância da moralidade. Esta não deve ser fundamentada em doutrinas metafísicas, mas sim construída a partir do coração. Kant enfatiza a influência de um sentimento intrínseco a natureza humana, destacando assim a importância do sentimento na vida moral.

Apesar de não perder a fé na metafísica, Kant atribui a esta um significado importante como a ciência dos limites da razão humana. Sua crítica, nesta época, em 1766, não é de natureza teórica. Ele afirma a indemonstrabilidade da existência da natureza espiritual,

argumentando que qualquer tentativa nesse sentido resulta em *fictio heurística* ou *hypotesis*, carentes de critérios objetivos de conhecimento.

Contudo, Kant reconhece que, apesar da impossibilidade teórica em relação aos problemas da psicologia racional, as questões práticas não postas em dúvida. A moralidade encontra sua base decisiva aqui. O conhecimento da natureza espiritual não é necessário para crença na sobrevivência após a morte ou para conduzir à virtude. O bem não deriva, disto. A norma moral encontra-se imediatamente presente à consciência e ela não se funda sob a esperança de um prêmio ou de um castigo que poderá acontecer em um estado pós-morte.

Quanto mais Kant alcança a certeza na filosofia prática, mais incerteza em relação à filosofia especulativa. A metafísica teórica é dispensável como fundamento da moral. Assim, a filosofia se torna o conhecimento prático do homem. Kant, então, fundamenta a metafísica em uma nova base, a da moralidade.

## Referências

- Arana, Juan. (1982.) *Ciencia y metafísica en el Kant pré-crítico (1746-1764): una contribución a a la historia de las relaciones entre ciencia y filosofía en el siglo XVIII*. Universidad de Sevilla.
- Campo, M. (1953). *La génesis del criticismo kantiano*. Editrice Magenta.
- Cassirer, E. (1968). *Kant, vida y doctrina*. Fondo de Cultura Económica.
- Deleuze, G. (1963). *La philosophie critique de Kant*. Presses Universitaires de France.
- Fischer, K. (1938). *Vida de Kant e historia de las orígenes de la filosofía crítica*. En Kant, I. *La crítica de la razón pura*. Losada.
- González, M. (1967). *Kant e Swedenborg: ei problema del comercio psicofísico en el Kant pre-crítico y las origens de la distinción entre mundo sensible e inteligible. Texto ainda não publicado. Kant. Rêves d'un visionaires*. Vrin.
- Kant, I. (1987). *Los sueños de un visionario*. Alianza.
- Torretti, R. (1980). *Immanuel Kant: estudio sobre los fundamentos de la filosofía crítica*. Editorial Charcas.
- Verneaux, R. (1982). *Las tres críticas: Immanuel Kant*. Magisterio Español.
- Vleeschauwer, H. J. de. (1962). *La evolución del pensamiento kantiano: historia de una doctrina*. Universidad Nacional Autónoma de México.